

SOMOS O QUE COMEMOS: CONSIDERAÇÕES SOBRE OS LIMITES ENTRE HUMANO E NÃO-HUMANO EM *CADÁVER EXQUISITO*, DE AGUSTINA BAZTERRICA

Raquel RIERA

Orientadora: Profa. Dra. Miriam Viviana Gárate

Resumo: O presente trabalho busca analisar as fronteiras que diferenciam humanos e não-humanos na distopia *Cadáver Exquisito* (2018), da escritora argentina Agustina Bazterrica. Este interesse se dá na medida em que a obra é organizada em torno da completa dissolução daquilo que caracteriza o ser humano como tal com a intenção de relegá-lo ao mundo animal e possibilitar, assim, a questão central da ficção: o canibalismo institucionalizado. Para isso, serão analisadas as formas como o livro impõe essa *redução* ao animal, tanto por meio dos mecanismos de produção da indústria da carne – o que pode até mesmo, de certo modo, ser visto como uma forma de operação necropolítica – quanto por meio da ressignificação da linguagem. Objetiva-se, a partir dessas análises, evidenciar como a obra de Bazterrica dialoga com a maneira como os humanos atualmente já se consomem, metaforicamente, dentro do sistema capitalista, e como os limites entre humano e animal podem ser repensados como constituintes desse sistema.

Palavras-chave: literatura argentina; distopia; animalidade; necropolítica.

Introdução

Os animais são, desde os primórdios da humanidade, intimamente ligados à experiência humana. As evidências disso são inúmeras e povoam a história do conhecimento ocidental, seja como parte do imaginário do homem – integrando mitologias, folclores, religiões, saberes populares –, seja como parte de empreendimentos científicos – na posição de seres estudados em categorias analíticas precisas e desenvolvidas ao longo dos séculos como tentativa de compreender de forma técnica o mundo natural. Para a pesquisadora Ermelinda Ferreira (2005, p. 120), isso pode ser explicado em parte pelo fato de que “os animais constituíam o primeiro círculo relacional do ser humano com o mundo ao seu redor”: desde os primeiros agrupamentos de *homo sapiens* até o que, hoje, constitui o modo de vida contemporâneo, o universo da animália representou não só a base de seus meios de produção – sendo fonte de alimento e matéria-prima para a sobrevivência e o desenvolvimento da espécie humana –, como também dos questionamentos acerca do funcionamento da natureza e, no âmbito das ciências humanas, acerca do que constitui o ser humano a ponto de possibilitar (ou não) que ele se diferencie de outros animais.

Assim, ligados à sua coexistência ancestral, pode-se dizer que há, simultaneamente, laços de semelhança e de diferença entre seres humanos e não humanos: o homem é constituído pelo (e como) animal e, ainda assim, “foi precisamente pela negação da animalidade que se forjou uma definição do humano ao longo dos séculos no mundo ocidental” (MACIEL, 2016, p. 16). No entanto, esse movimento paradoxal cria obstáculos para o entendimento completo do mundo: ao se separar de forma irreconciliável do animal, o ser humano se isola da esfera natural à qual irrevogavelmente pertence. São consolidados, nesse sentido, fatores que historicamente colocam o homem à frente de outros seres, como a linguagem e a capacidade cognitiva, entendidas como sendo exclusivas do primeiro grupo. Por conta disso, para a pesquisadora Maria Esther Maciel (2016, p. 13), “os animais, sob o olhar humano, são signos vivos daquilo que sempre escapa a nossa compreensão”. Desse modo, são vistos como “radicalmente outros”: são nossos semelhantes em diversos âmbitos mas, simultaneamente, são inalcançáveis em um entendimento mais profundo e partilhado.

Tanto Maciel quanto Ferreira percebem o ápice da separação entre humano e animal na ruptura decisiva criada pela filosofia de Descartes, em torno do século XVIII, a partir da dualidade alma/corpo: para o autor, enquanto o humano é agraciado com alma, o que o permite ter uma experiência mais digna na esfera terrestre, o animal é caracterizado apenas como um corpo

mecânico, análogo a um autômato. São identificáveis, nesse âmbito, dicotomias recorrentes que envolvem a esfera das diferenças entre humanos e animais: racionalidade versus irracionalidade; civilização versus mundo selvagem; consciência versus instinto; alma versus vazio. Essas oposições possibilitam que a sociedade humana se avizinha cada vez mais de uma ideia de superioridade, já que, enquanto sua existência tem um sentido ligado à divindade, a dos animais passa a simbolizar a bestialidade, a ausência de *anima* (MACIEL, 2016, p. 15).

Consolida-se, então, a concepção do humano como superior ao animal a partir da rejeição de tudo aquilo que remete a características animais, consideradas abjetas – o que, por sua vez, abre espaço para que o animal, em sua posição inferior, possa ser subjugado às vontades e necessidades do homem. Isso pôde ser visto no decorrer de séculos recentes, ao longo dos quais o consumo de bens de origem animal – como pele, carne e ossos – para a produção de artefatos humanos em escala cada vez maior provocou extinções e confinamentos de espécies sem precedentes, até chegar, por exemplo, ao modelo atual da indústria agropecuária.

Contudo, o tratamento inferiorizante de animais não se restringe apenas ao universo *deles*, mas também se estende a *nós*, possibilitando movimentos de animalização do próprio homem. Assim, seres humanos que, por diferentes concepções moldadas social e historicamente, tenham características ou vivências consideradas como próximas do mundo animal, também são relegados a esferas inferiores em comparação com homens considerados dignos de espaços mais elevados. Nesse sentido, Maria Esther Maciel (2016, p. 34) relaciona, com base nas reflexões do filósofo Montaigne, “a crueldade dos homens contra os animais e a crueldade dos homens contra os próprios homens”. Ainda citando Montaigne, ela indica que “as índoles [humanas] sanguinárias com relação aos animais revelam propensão natural para a crueldade – esta, no caso, infligida aos próprios seres humanos” (MONTAIGNE, 2006, p. 152 apud MACIEL, 2016, p. 34). Pode-se dizer, portanto, que relegar grupos específicos de homens aos espaços ocupados por bichos, *animalizando-os*, é uma ferramenta que legitima práticas isoladas ou de grandes sistemas de opressão e brutalidade dentro da própria humanidade. A isso, Ermelinda Ferreira (2005, p. 123) dá o nome de “metáfora animal”, que se aplica à análise a ser empreendida pelo presente trabalho. Ela pode ser entendida como

a radical separatividade dos pólos humano e animal, sugerindo que nenhuma dessas condições – a subjugação ou a exploração do outro – são dignas de serem consideradas “humanas”, no patamar de soberania intelectual, moral e ética em que a humanidade se coloca; embora sejam perfeitamente aceitáveis em se tratando de “animais”. A metáfora é inquestionável: animais são seres inferiores e, como tais, passíveis de serem subjugados e explorados, mortos e devorados, prestando-se, por isso, para representar criticamente, na arte e na literatura, essas atitudes indesejáveis.

Discorrer brevemente acerca dos limites entre humano e não-humano é interessante para os propósitos desta pesquisa na medida em que é nesse cenário de animalização radical do outro que se passa a obra a ser analisada aqui, intitulada *Cadáver Exquisito* (2018), da autora argentina Agustina Bazterrica. A narrativa se ambienta em um mundo distópico no qual, após o surgimento de um vírus letal que ataca animais, há uma necessidade mundial de eliminá-los da Terra como forma de contenção da doença e dos perigos que ela pode trazer à humanidade. No entanto, com a falta massiva de proteína animal, casos de morte de humanos começam a aparecer – primeiro, isoladamente; logo depois, sob o incentivo e a proteção de governos como forma de aliar a necessidade da poderosa agroindústria de vender e consumir carne à solução de problemas como fome, pobreza e superpopulação. Ao processo de institucionalização do canibalismo dá-se o nome de Transição e, com ela, a criação de humanos para abate – chamados, nesse contexto, de “cabeças” –, nos moldes do que hoje se vê na indústria, passa a ser lei. A partir disso, “la sociedad ha quedado dividida en dos grupos: los que comen y los que son comidos” (BAZTERRICA, 2018, posição

2374). O leitor acompanha esse mundo pós-apocalíptico a partir da perspectiva de Marcos Tejo, um homem deprimido que, enquanto lida com problemas pessoais, gerencia o grande frigorífico Krieg e lida diariamente com o manejo e a morte de humanos para consumo.

Cabe sinalizar que a obra em questão pertence ao gênero distópico. Embora as configurações específicas que permitem essa categorização não interessem ao trabalho aqui empreendido – na medida em que representam aspectos já bastante estáveis desse nicho literário –, é interessante verificar uma carga simbólica comumente atribuída às distopias: a do alerta. Segundo o crítico Leomir Hilário (2013), a obra literária, de forma geral, pode auxiliar na construção e na compreensão da sociedade, uma vez que dá luz, a partir de múltiplas perspectivas, às vivências humanas em diferentes contextos históricos. O gênero distópico, em particular, ao exagerar tendências ruins da contemporaneidade e dar-lhes destinos catastróficos, possibilita a compreensão de fatores sociais por vias assombrosas. Disso, pode-se concluir que “o objetivo das distopias é analisar as sombras produzidas pelas luzes utópicas, as quais iluminam completamente o presente na mesma medida em que ofuscam o futuro” (HILÁRIO, 2013, p. 205). Elas criam, nas palavras do autor, um “aviso de incêndio” que busca prevenir o leitor: se o mundo mantiver sua organização atual, a sociedade poderá ser direcionada a um fim catastrófico.

Nesse contexto de institucionalização do canibalismo e, de certa forma, de alerta para o consumo atual de carne – e, a nível simbólico, de humanos – surgem as questões que norteiam este trabalho, a saber, os aspectos de *Cadáver Exquisito* que retraçam os tradicionais limites entre humano e não-humano. Em um primeiro momento, observa-se que para que o sistema de produção canibal funcione na narrativa, é preciso que os governos e as indústrias recorram a ferramentas para destituir de humanidade as pessoas que são destinadas ao abate, relegando-as à esfera do animal – ou seja, daquilo que pode ser consumido por não se igualar em importância ao consumidor. Isso, no entanto, abre espaço para que as barreiras entre humano e o que é tido como não-humano¹ sejam questionadas a partir de momentos-chave da obra que inserem o não-humano em espaços civilizados (literalmente, dentro dos criadouros; simbolicamente, através da linguagem). Na sequência, uma proposta de leitura sob um viés necropolítico, de eliminação dos grupos destinados ao abate, será realizada.

Espera-se, com isso, evidenciar de que forma os movimentos de torção da humanidade promovidos pela obra instigam o desenvolvimento de uma leitura crítica acerca da forma como humanos e animais são vistos pelo sistema capitalista atualmente – o que coincidiria com o propósito reflexivo que o gênero distópico frequentemente busca despertar.

Pessoas versus cabeças

Na seção anterior, foi apresentada brevemente uma sinopse de *Cadáver Exquisito*. A partir dela, é perceptível que a grande questão norteadora da obra é o consumo institucionalizado de carne humana – obtida a partir do abate de “cabeças” – e, para este trabalho, importa entender como esse consumo é realizado a partir da bestialização de seres humanos pela indústria. Para isso, serão descritas, a seguir, as ferramentas do sistema canibal que permitem essa animalização – e, do mesmo modo, esse rebaixamento – do ser humano para que seja comprado como fonte de alimento.

O livro é desenvolvido a partir de um narrador onisciente que se ocupa integralmente do ponto de vista de Marcos Tejo e de seu cotidiano como gerente do famoso frigorífico Krieg. A

¹ A seguir, os humanos destinados ao abate serão referenciados como “cabeças”, nos termos da obra, ou como “humanimais”, como forma de diferenciação daqueles que, no livro, são considerados humanos de fato (ou seja, as pessoas que não são consumidas e que vivem “normalmente” em sociedade). Ressalta-se que o termo “cabeça”, tanto em português quanto em espanhol (“*cabeza*”, no original) é rotineiramente usado no universo agro para se referir ao gado bovino.

narrativa próxima de Tejo permite que o leitor tenha uma visão privilegiada do funcionamento de todo o sistema canibal, que vai desde a criação, o abate e o processamento das cabeças e de sua carne até sua distribuição nos açougues das grandes cidades. As descrições de todo o processo são detalhadas e buscam reproduzir a forma como a agroindústria, no mundo real, já lida com a carne animal, o que contribui para que surjam sentimentos de horror e abjeção. Aventa-se, nesse sentido, que a escolha do protagonista funciona de forma estratégica para que o leitor não apenas entenda o empreendimento do canibalismo, como também o conceba como possível – e, em certo nível, até mesmo que vislumbre o próprio consumo de carne animal como parte do engenho que alimenta a indústria canibal.

O primeiro momento em que se tem contato direto com o cotidiano da produção de cabeças é quando Tejo, no que chama de “circuito da carne” – o trajeto que faz para visitar as fábricas dos clientes e se certificar de que os humanimais estão sendo criados de forma adequada para gerar produtos de qualidade –, visita o criadouro Tod Voldelig. Lá, é recebido por El Gringo, o dono, e participa de uma visita guiada para apresentar o local a um potencial cliente alemão, interessado em comprar cabeças e exportá-las para a Europa. Embora haja outros momentos em que a indústria canibal seja descrita, pensa-se que este específico é elementar na medida em que traz informações básicas acerca da animalização das cabeças.

A apresentação que El Gringo faz de seu criadouro – nas palavras do personagem, “un gran almacén viviente de carne” (BAZTERRICA, 2018, posição 179) – é bastante meticulosa e serve para descrever as variadas formas como as pessoas destinadas ao abate são submetidas a um bem-pensado processo de destituição de humanidade. Primeiramente, ele fornece explicações essenciais sobre a estrutura do espaço: ele é dividido em diversas jaulas, que são ocupadas individualmente por uma cabeça cada com o intuito de evitar episódios de violência ou mesmo de canibalismo entre elas. Cada jaula tem seu próprio sistema de alimentação, com água e comida, assim como palhas no chão para evacuação e descanso, e as cabeças ficam o tempo todo nuas. A última característica chama a atenção em especial, uma vez que contrasta o civilizado – pessoa vestida – e o bestial – cabeça sem roupas.

As cabeças podem ser criadas desde pequenas – fruto de inseminação artificial – ou compradas de outros criadouros por interesse em características específicas de raça. Há, por exemplo, as cabeças comuns, destinadas a virar carne e outros derivados vendidos normalmente à população, e também as chamadas “PGP”. A sigla significa “Primera Generación Pura” e designa cabeças “nacidas y criadas en cautiverio y que no tienen modificaciones genéticas ni reciben inyecciones para acelerar el crecimiento” (ibidem, posición 186). Elas são, por isso, vendidas a preços mais altos, tanto para consumo quanto para reprodução.

A reprodução parece seguir os moldes já conhecidos de acasalamento entre animais de alto nível, como cavalos de competição: os *padrillos*² são comprados por sua qualidade genética ou seu valor de venda e cruzados com fêmeas que também apresentam características consideradas valiosas. Assim, são construídas diversas gerações de cabeças de luxo. Aos *padrillos* comuns, por outro lado, resta “llenar de semen las latas donde lo recolectan para la inseminación artificial” (BAZTERRICA, 2018, posición 193). Essa reprodução artificial tem o intuito de melhorar a qualidade dos lotes enviados aos abatedouros, já que possibilita a criação controlada de cabeças com características selecionadas para eliminar doenças e serem mais homogêneas no sabor, por exemplo.

Ao ouvir essas informações, o cliente alemão faz um questionamento que tem repercussões interessantes: ele busca entender qual a utilidade dos machos PGP, já que “estos no son cerdos, ni caballos, *son humanos* y [...] por qué el padrillo se las monta [a las hembras], [...] no debería, [...] es

² O termo pode ser traduzido como “garanhões”, ou seja, cavalos de alta qualidade genética destinados à reprodução. Nota-se que ele é usado de forma corrente entre negociadores desses animais no mundo real.

poco higiênico” (ibidem, posição 200, destaque nosso). Antes de responderem, El Gringo e Tejo ficam em silêncio por um momento – estão chocados porque ninguém em seu cotidiano se refere às cabeças como “humanos”. Afinal, chamá-las assim é assustador, pois confere uma materialidade inegável ao canibalismo, fazendo com que as pessoas sejam defrontadas com a realidade do consumo de seus semelhantes. Com isso, percebe-se a criação de um paradoxo na referenciação das cabeças: ao mesmo tempo que as descrições de Bazterrica são minuciosas acerca do abatedouro, elas também são elípticas, tendo em vista que suprimem da linguagem precisamente a carga de emocional que vem à tona quando se diz *humano* e não *carne*. Por isso, é importante que as pessoas, ao falarem sobre a indústria canibal, transitem sempre na órbita do animal, usando termos bestializantes como *padrillo*, *cabeça*, etc.

De qualquer forma, os profissionais preferem ignorar o ocorrido e El Gringo se adianta para responder ao alemão, mostrando que o *padrillo* é mantido ali porque tem a capacidade de farejar as cabeças mulheres (chamadas pelos personagens apenas de “fêmeas” ou, no original, “*hembras*”, como no mundo animal) no cio e “montá-las”, pois descobriu-se que elas ficam mais calmas após serem cobertas pelos machos (que, para evitar situações que fujam ao controle estéril do criadouro, passam por cirurgias de vasectomia). Pensa-se que o trecho é importante na medida em que anuncia uma semelhança desconfortável com o mundo humano: entre as pessoas socializadas – aqui entendidas como aquelas que vivem nas cidades e não são destinadas ao abate –, a relação sexual também é tida como uma forma de aliviar tensão e desfrutar da companhia íntima de outrem. Da mesma forma, o trecho indica também o alicerce animal do sexo humano, tornando indistinguível a função da prática entre bichos e homens. Reforçando essa semelhança, inclusive, o alemão se coloca no lugar da cabeça e comenta “qué buena vida lleva ese”, ignorando a abissal diferença entre humanos de sociedade e humanos de consumo.

Após o episódio, El Gringo continua seu tour e passa a discorrer sobre outras atitudes tomadas pelos criadouros para fortalecer a ideia de que estão lidando com animais – em outras palavras, com humanídeos. Por exemplo, as cabeças têm suas cordas vocais cortadas como forma de facilitar o controle sobre elas. Mais do que isso, no entanto, subentende-se uma tendência à eliminação da semelhança com humanos, uma vez que estes são largamente reconhecidos pela complexidade da linguagem que usam para comunicar-se, qualidade tida como exclusivamente humana. Verifica-se, assim, por meio do pensamento de Tejo, que “nadie quiere que hablen porque la carne no habla. Que comunicarse se comunican, pero con un lenguaje elemental” (ibidem, posição 204) – e por “elemental” entende-se algo primário, básico, menos desenvolvido, *inferior*.

Uma última passagem digna de análise se dá ao final da visita guiada, quando passam pela área das fêmeas prenhes. Elas são separadas em duas alas: as que ainda estão grávidas e as que, após darem à luz, são rapidamente separadas de suas crias e ligadas a máquinas de sucção de leite. O fornecimento do leite anuncia o começo do fim de suas vidas: após terem seus estoques esgotados, são geralmente levadas ao abate, já que a submissão às máquinas leiteiras é estressante e, se durar muito tempo, pode afetar a qualidade da carne. Além disso, as fêmeas prenhes também têm um valor específico graças à gravidez – diz-se que o seu sangue é valioso por apresentar grandes benefícios à saúde humana, e por isso são submetidas a regimes ocasionais de dessangramento, o que pode facilmente fazer com que tenham abortos espontâneos pela grande perda de sangue. Em algumas das jaulas também há fêmeas com braços ou pernas amputados, o que leva a uma constatação desconcertante de Tejo: “sabe que en muchos criaderos se inhabilita a las que matan a los fetos golpeándose la panza contra los barrotes, dejando de comer, haciendo lo que sea para que ese bebé no nazca y muera en un frigorífico. Como si supieran, piensa” (BAZTERRICA, 2018, posição 245). Com isso, percebe-se uma ligação das cabeças à esfera humana a partir da tomada de consciência: para o protagonista, a tentativa das fêmeas de induzir o próprio aborto denuncia uma noção sacrificial de que seus filhos não podem nascer em um local tão inóspito.

Conclui-se, a partir das descrições detalhadas por El Gringo e presenciadas por Tejo como parte de sua rotina de trabalho, que há uma série de protocolos oficiais formulados para garantir uma animalização dos humanos de abate que os relegue à vivência dos antigos abatedouros de animais e garantam seu entendimento como objeto de consumo. A privação do prazer sexual, da linguagem e dos direitos reprodutivos, assim como a submissão a práticas intrusivas e brutais como inseminação artificial e sucção de leite, são fatores que subscrevem claramente a posição dos humanos desenvolvidos nos criadouros: eles ocupam o lugar antes destinado aos animais de consumo (como vacas, bois, galinhas, porcos) e são subjugados ao um regime de violência diretamente herdado da agroindústria. Com isso, torna-se evidente a animalização (neste caso, seguindo o protocolo rígido dos criadouros) que separa humanos de humanídeos, uma vez que os últimos são literalmente inseridos nos espaços tradicionalmente ocupados pelos animais – os quais, como visto, são considerados passíveis de ocupá-los porque não se equiparam à importância dos homens.

A questão da linguagem

Além das medidas protocolares criadas pela indústria para possibilitar o consumo da carne humana, é relevante também voltar o olhar para a questão da linguagem na sociedade canibal de *Cadáver Exquisito*. Esse interesse se dá principalmente a partir de dois eixos: o da *proibição* de certas palavras que remetem à humanidade das cabeças e o da sua *reformulação*. Esses eixos se misturam no cotidiano, uma vez que muitas palavras só são reformuladas para substituir aquelas que foram proibidas. Entende-se que ambos têm o mesmo fim de mascarar o canibalismo e criar um fino véu de ilusão através da linguagem, graças ao qual é possível pensar “carne” sem pensar “humano”. A seguir, o intuito é discorrer brevemente sobre isso com respaldo nos estudos de José Luiz Fiorin (2007) acerca das mudanças em formações discursivas e dos impactos sociais que elas causam.

No decorrer de *Cadáver Exquisito*, subentende-se que existe um campo semântico proibido por alguns governos como forma de possibilitar o consumo de carne humana: “Hay palabras que son convenientes, higiénicas. Legales” (BAZTERRICA, op. cit., posição 31). Essas palavras higiênicas são as que destituem de humanidade os seres nos abatedouros e remetem a práticas burocráticas para lidar com sua criação e morte; menções acerca delas são uma constante na narrativa, na medida em que Tejo se sente perpetuamente indignado com o manejo da população para favorecer o canibalismo. Com essa proibição, os funcionários da indústria da carne não precisam lidar com a realidade do canibalismo, apenas com os protocolos aos quais, antes da Transição, já estavam habituados. Insere-se nesse âmbito a própria reformulação de “humanos” para “cabeças”: elas são assim chamadas de forma técnica pelos funcionários do circuito da carne porque referir-se aos seres como “humanos” é proibido, já que a palavra certamente causaria problemas para o manejo do produto. Tejo reflete sobre isso ao começo do livro:

Nadie los llama así [de humanos], piensa, mientras prende un cigarrillo. Él no los llama así cuando tiene que explicarle a un empleado nuevo cómo es el ciclo de la carne. Podrían arrestarlo por hacerlo, podrían incluso mandarlo al Matadero Municipal y procesarlo. Asesinarlo sería la palabra exacta, aunque no la permitida. (ibidem, posição 31)

Como visto, pistas sobre a proibição e a consequente reformulação de certos nomes são dadas constantemente do ponto de vista do protagonista, que reflete silenciosamente sobre elas e se revolta internamente com as decisões oficiais que incentivam o canibalismo. Isso pode ser observado, por exemplo, quando Tejo assiste a uma propaganda na televisão que incentiva o consumo da carne humana através da mudança dos nomes de seus cortes. No anúncio, uma família tradicional

é retratada enquanto a figura materna declara: “Yo le doy a mi familia alimento especial, la carne de siempre, pero más rica”. Essa “carne más rica” é, como o narrador explica em seguida, a que provém das cabeças: “El gobierno, su gobierno [de Tejo], decidió resignificar ese producto. A la carne de humano la apodaron ‘carne especial’. Dejó de ser sólo ‘carne’ para pasar a ser ‘lomo especial’, ‘costilla especial’, ‘riñón especial’.” (BAZTERRICA, 2018, posição 82). O protagonista rejeita com veemência o comercial: “Él no le dice carne especial. Él usa las palabras técnicas para referirse a eso que es un humano, pero nunca va a llegar a ser una persona, a eso que es siempre un producto” (ibidem), reforçando a constatação de que as alterações no vocabulário alimentício buscam apenas suprimir do olhar do consumidor a realidade daquilo que consome para possibilitar trocas comerciais.

Vê-se, apenas na propaganda e no comentário que Tejo tece sobre ela, pequenas tensões (tanto internas, na história, quanto externas, no leitor) causadas pela escolha de palavras. Uma delas se refere ao uso do adjetivo “especial” para denominar a nova carne humana, na medida em que ele alude a um vocabulário recuperável no mundo real: os açougues costumam vender cortes “especiais” de carne bovina ou suína como sendo suas partes mais macias ou saborosas. Em outro sentido, quando Tejo opõe “humano” a “persona”, denuncia um caráter qualitativo no campo semântico, já que “humano” pode ser qualquer corpo que, biologicamente, tenha características específicas da espécie; enquanto “persona” é um estatuto adquirível apenas por aqueles que vivem em sociedade e, conseqüentemente, não são criados para abate.

Outrossim, o nome dado, por exemplo, à Transição, também reflete um desejo de mudança de perspectiva empreendido pelos órgãos oficiais. Afinal, “transição” pode remeter a algo que não é necessariamente negativo: trata-se apenas da mudança de um estado para outro. Para Tejo, no entanto, aceitar reduzir o período de institucionalização do canibalismo a essa mera mudança desvia o sentido verdadeiro da realidade que vivem: “muchos naturalizaron lo que los medios insisten en llamar la ‘Transición’. Pero él no, porque sabe que transición es una palabra que no evidencia cuán corto y despiadado fue el proceso. Una palabra que resume y cataloga un hecho inconmensurable. Una palabra vacía.” (ibidem, posição 38).

Pensa-se que, para compreender de forma mais aprofundada os exemplos dados, pode-se partir de algumas reflexões de Fiorin sobre o discurso. O autor, com base na Análise do Discurso, elucida que o discurso pode ser entendido como a expressão dos falantes sobre seus pensamentos e sobre o mundo. Ele, por sua vez, é determinado por ideologias – ou seja, por conjuntos de ideias que tentam explicar a existência humana e suas relações dentro de formações sociais específicas – e, por conta disso, materializa a visão de mundo dos falantes. Entende-se, então, que as escolhas de vocabulário de um indivíduo ou grupo indicam com que formações ideológicas eles se alinham, na medida em que é no discurso que suas percepções tomam vida.

Transpondo essas definições ao universo de *Cadáver Exquisito*, percebe-se como a linguagem é solidária a um antropocentrismo específico, aliado à necessidade capitalista de consumo: apenas as pessoas que vivem fora dos abatedouros têm direito de serem chamadas como tal, enquanto às cabeças restam denominações burocráticas que buscam apagar sua semelhança com os consumidores. Quando os cortes de carne passam ter seus nomes trocados, com endosso do governo e da mídia, o vocabulário remete a um discurso, como referido por Tejo, higiênico – as carnes “especiais” nada revelam sobre sua proveniência agressiva; pelo contrário, implicam um desejo de consumo por um produto que é superior a seu predecessor, é *especial*. Vislumbra-se, assim, todo um novo conjunto de nomes (e atitudes) viabilizados por mudanças nas formações discursivas da sociedade canibal de modo a legitimar uma visão de mundo que busca apagar a ideia de “humano” e destacar ideias mais palatáveis – de “proteína”, de “produto privilegiado”, de simples “carne”.

Portanto, pode-se perceber um esforço ativo por parte das esferas de poder ligadas ao capital – de governos, indústrias, frigoríficos, redes televisivas – de *Cadáver Exquisito* para influenciar as

formações discursivas e ideológicas da sociedade governada. Por meio da linguagem, as burocracias e os protocolos de tratamento das cabeças e dos nomes que as circundam buscam afastar a realidade do canibalismo legitimado pela indústria e, reformulando as palavras que compõem a ideologia canibal materializada nos discursos oficial e técnico, buscam tornar aceitável o consumo de carne humana. É observável, nesse sentido, como a linguagem tem papel medular na manutenção do sistema canibal, uma vez que ela possibilita sua existência ao negar a humanidade dos produtos vendidos nos supermercados e frigoríficos.

Operações necropolíticas

Com base nas considerações feitas nas últimas seções, identifica-se uma intenção bem definida dos governos, aliados às indústrias e por elas pressionados, de fazer mover uma máquina canibal para alimentar vácuos deixados no mercado pela pandemia desconhecida. Ela, contudo, precisou ser inicialmente preenchida por pessoas que já integravam a sociedade, uma vez que antes de a Transição se consolidar, não havia meios ou leis disponíveis que possibilitassem a inseminação artificial de humanos para destiná-los ao abate. Embora sutis, há evidências na obra que indicam que esse primeiro grupo sugado pela indústria canibal buscou nos grupos sociais considerados inferiores a resposta para seu impasse. A partir disso, o intuito da última seção deste trabalho é analisar as formas como se pode entender, ao menos em parte, a instituição do canibalismo como uma forma de operação necropolítica, nos termos de Achille Mbembe (2018), durante um momento de crise humanitária em *Cadáver Exquisito*. Concebe-se que, aliada à questão animal descrita na Introdução, pode-se pensar em uma leitura que acena para a filosofia de Mbembe e que reforça as operações voltadas para instituir e evidenciar a divisão entre humanos e animais/humanimais na obra de Bazterrica.

Achille Mbembe parte dos conceitos de biopolítica (a transformação de práticas disciplinares pelas instituições de poder para controlar não apenas indivíduos, mas populações inteiras) e biopoder (as tecnologias locais de poder com ênfase nas ideias de proteção do corpo e da vida para justificar práticas de controle em massa) de Foucault para cunhar o conceito de necropolítica. Ela pode ser resumida pelas formas contemporâneas de poder que não controlam apenas a vida de conjuntos de indivíduos, mas também a morte, como forma de exercer a soberania dos Estados – afinal, “a expressão máxima da soberania reside, em grande medida, no poder e na capacidade de ditar quem pode viver e quem deve morrer” (MBEMBE, 2018, p. 5).

Embora Mbembe mobilize o conceito de necropolítica para analisar organizações governamentais contemporâneas baseadas em criar “mundos de morte” – como Estados que vivem sob regime de guerra, sob regime de exceção ou sob formas modernas de colonialismo –, sua filosofia pode ser aliada a estudos sobre a questão animal para tecer a investigação aqui empreendida. Isso se justifica porque, em graus de importância e violência diferentes, percebe-se no exercício da soberania política proposto por Mbembe um traço em comum com o narrado em *Cadáver Exquisito*: ambos compartilham a necessidade de assujeitamento de certos grupos a partir da animalização, da exclusão agressiva, da sujeição violenta. Aqui, o foco é a partir desse exercício visto na obra de Bazterrica.

A narração no universo canibal traz sutilmente à tona a ideia de que as primeiras pessoas que passaram a ser destinadas ao abate foram aquelas que integravam grupos de vulnerabilidade social. Em um primeiro momento, isso aconteceu de forma isolada e clandestina: “La prensa registró el caso de dos bolivianos desempleados que fueron atacados, descuartizados y asados por un grupo de vecinos” (BAZTERRICA, 2018, posição 61). Em seguida, no entanto, pressionados pela milionária indústria do agronegócio, agora estagnada, os governos passaram a implementar a legalização do canibalismo, o que levou à necessidade de selecionar seres humanos para serem

enviados aos abatedouros. Assim, “en algunos países los inmigrantes empezaron a desaparecer en masa. Inmigrantes, marginales, pobres. Fueron perseguidos y, eventualmente, sacrificados” (ibidem).

É perceptível, portanto, que os grupos destinados ao abate inicialmente foram aqueles tradicionalmente marginalizados pela sociedade. Retoma-se, nesse sentido, os estudos de Maciel que evidenciam como o tratamento de humanos tidos como inferiores é atravessado pelo tratamento destinado aos animais, também considerados inferiores. Para ela, tanto bichos como humanos historicamente oprimidos são passíveis de viverem vidas indignas que se inscrevem nas práticas biopolíticas, entendidas como uma forma de exercício da soberania, que decide que esses grupos não devem viver pois não reconhecem neles qualquer valor. Baseando-se em Derrida, a autora inclusive mostra que a morte sempre foi uma experiência exclusivamente humana: os animais não são considerados capazes de tomarem consciência da morte e, portanto, “não a experimentam como tal” (MACIEL, 2011, p. 98). Por isso, crimes contra “qualquer vivente não-humano” (e aqui se incluem tanto animais quanto grupos humanos oprimidos) são desculpados ou mesmo ignorados.

Ainda no mesmo âmbito, Maciel (2011, p. 99) mostra que, para Derrida,

o conceito de sujeito construído historicamente se configura como uma rede de exclusões, uma vez que não apenas os animais são impedidos do acesso ao ‘quem’, como também vários grupos de seres humanos considerados não sujeitos, renegados à condição de outros de nossa cultura e potencialmente não merecedores de consideração legal e moral. Esse ‘quem’ é, inclusive, quem decide a vida ou a morte dos não sujeitos, quem os submete ao sacrifício.

Sendo assim, compreende-se como o processo de inferiorização do humano, transferido para as vias ficcionais na criação hiperbolizada do sistema canibal, parte do princípio de rejeição do animal como grupo menos digno, ainda que constituinte do humano. Isso abre espaço não somente para as práticas de violência há muito naturalizadas dentro da agroindústria tradicional, mas também à forma como diferentes Estados ou grupos de poder subjugarão e ainda subjagam enormes contingentes de populações humanas consideradas inferiores.

Conclusão

O intuito deste trabalho foi evidenciar as diferentes formas como a narrativa de Agustina Bazterrica traz à tona a questão animal e trabalha, a partir dela, o assujeitamento do ser humano com base em sua animalização. A um só tempo, a narrativa aborda a brutalidade do sistema capitalista contra animais e alude às formas simbólicas como a humanidade descarta muitos grupos tidos como subalternos. A própria autora se refere a essa duas vias em entrevista sobre o livro:

Aunque mi libro contiene críticas claras a la industria de la carne, también escribí la novela porque siempre he creído que en nuestra sociedad capitalista y consumista, nos devoramos mutuamente. Nos fagocitamos entre nosotros de muchas maneras y en distintos grados: trata de personas, guerra, trabajo precario, esclavitud moderna, pobreza, violencia de género son solo algunos ejemplos de violencia extrema (BAZTERRICA, 2020).

Pode-se depreender, a partir da fala da autora, seu desejo de tatear não apenas a questão ecológica, mas também a questão humana: o mundo canibal de *Cadáver Exquisito* parece ser verossímil e possível apenas porque, na atualidade, as pessoas já são consumidas metaforicamente pelo sistema em que estão inseridas. Através de manuseios com a linguagem e com a realidade da indústria de carne, são possíveis leituras que depreendem a forma como seres humanos são animalizados diariamente, seja para consumo na ficção, seja para um assujeitamento cruel fora dela. Nesse sentido, inclusive, pode-se aludir à via de mão dupla que se tece em *Cadáver*: o ser humano

é, ao mesmo tempo, mais-que-humano (já que vive em sociedade e é superior aos grupos que podem ser enviados ao abate) e menos-que-humano (já que, ainda que se desenhe como superior, deixa escancarado seu lado bestial/irracional ao consumir carne de seus próprios semelhantes).

Por fim, retoma-se a ideia de “aviso de incêndio” aventada por Hilário que faz eco ao propósito identificado por estudos³ já feitos sobre a obra de Bazterrica de estimular a reflexão sobre a realidade e provocar o surgimento de consciência crítica sobre os problemas que a assolam. *Cadáver Exquisito* incita, por meio de vívidas descrições de brutalidades cometidas contra seres humanos (seja literalmente, no interior dos abatedouros, seja discursivamente, nas transformações da linguagem), questionamentos acerca do ritmo de consumo de carne no mundo atual, do tratamento violento destinado aos animais tradicionalmente comidos e da forma como seres humanos não escapam ao sofrimento promovido por esse sistema. A distopia, nesse sentido, é gênero profícuo para dar luz às sombras produzidas pela agroindústria e pela busca incessante por capital.

Referências

- BAZTERRICA, A. (2018) *Cadáver Exquisito*, Ed. Clarín Alfaguara, Buenos Aires. *Ebook* não paginado.
- BAZTERRICA, A. (2020) Ya fue traducida a nueve idiomas. [Entrevista concedida a] Verónica Abdala. Clarín, Buenos Aires. Acesso em dezembro de 2021. Disponível em: https://www.clarin.com/cultura/escritora-agustina-bazterrica-destacada-diario-ingles-the-guardian_0_Wmq3zw2W.html.
- FERREIRA, E. (2005) “Metáfora animal: a representação do outro na literatura”, *Estudos de literatura brasileira contemporânea*, n. 26, p. 119-135, Brasília. Acesso em setembro de 2021. Disponível em: shorturl.at/xzO39.
- FIORIN, J. L. (2007) *Linguagem e ideologia*, Série Princípios, Ed. Ática, São Paulo.
- HILÁRIO, L. C. (2013) Teoria Crítica e Literatura: a distopia como ferramenta de análise radical da modernidade, 14 p. *Anuário de Literatura*, [S. l.], v. 18, n. 2, p. 201-215, 2013. Acesso em: 23 ago. 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/literatura/article/view/2175-7917.2013v18n2p201>.
- MACIEL, M. (2016) *Literatura e animalidade*, Civilização Brasileira, Rio de Janeiro. MBEMBE, A. (2018) *Necropolítica*, n-1 edições, São Paulo.

³ Cf. BUENO, K. (2021) *Distopias latino-americanas contemporâneas: uma análise de Cadáver Exquisito (2018) e Nación Vacuna (2017)*, 97 p. Dissertação (Mestrado em Literatura Comparada) – Programa de Pós-Graduação em Literatura Comparada, Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu. Acesso em agosto de 2021. Disponível em: shorturl.at/guEWZ.